GAZETA DE PIRACICABA

ASSIGNATURA PARA A CIDADE
Anno... 12$000 | Semestre... 6$000
Typ. e escriptorio — Rua do Alferes José Caetano n. 23 C.

REDACTOR CHEFE, ALFREDO SOARES

ASSIGNATURA PARA FORA
Anno... 14$000 | Semestre... 8$000
Todos os pagamentos devem ser feitos adiantadamente.

ANNO VII | DOMINGO, 10 DE FEVEREIRO DE 1889 | N.—991

GRAVETOS

Ora, até que afinal meus ri-
leitores, a semana que fin-
n hontem, teve um acontecei-
nto notavel, notabilissimo
smo.
Eu estou aqui lendo na *Ga-*
a aquillo que todos leram
e-hontem, estampado em le-
e redondas, e o meu espirito
ensa-se rebeldemente a acre-
ar no que meus olhos vêem,
ai s.bre a mesa, defronte do
m, em letras pretas, muito
tas, num jornal que os leito-
todos assignam e lêem (obri-
do pela minha parte.)
E' que é tão extraordinaria a
sa, tão inversoi ali,tão inad-
ssivel, tão... tão...
Oh, Deus do ceu! vou ter
d-sumio, tal é a alegria que
invade o peito.
Acudam! acudam! Oh!
nte minha muito ousada, vin-
vinde em meu auxilio, eu
erro! ..
Estou desmaiado...ah! ah!...
. . . . . .
. . . . . .
Não se assustem, já estou me-
r, graças a agua sedativa e
prompto-alivio que me de-
m a chirur.
O sr. Arsenio está melhor?
errogam ali da porta, api-
ada de gente.
—Esta muito melhor.
Não era nada.
Apenas uma syncope...
E effectivamente foi uma syn-
pe que tive pelo contentamen-
que recebi ao ler a tal noti-
a.
Os srs. não imaginam, não
ecapazes de fazer uma peque-
idea!
Eis aqui quando vale a penna
ente ler o jornal só para ter
meliques, mas tremeliques
prazer que nos deixa estate-
os, como me acaba de acon-
ecer.
Ol! que sempre raspei um
nto...

Pensei que morria
De tanta alegria...

Mas agora, que estou livre de
ngo, vamos ao caso que es-
a estão anciosos para saber
e cousa é esta tão estranha,
pois é muito simples e muito
pposta ao mesmo tempo.
O caso é este: Vae se fazer
o coreto no jardim publico
da cidade!
O sr. Francisco Florencio da
cha, vice-presidente da câ-
ra municipal, propôz, na ul-
ma sessão, a feitura de um co-
o naquelle logar, o que foi
provado unanimemente.
E agora, que me dizem? es-
satisfeitos?
Isto não é para a gente bater
mas, para se ficar mesmo
ipta de sui même? para se
ntrés pulos no ar, como
quelle crioulo do romance de
mila?
E quando eu disse acima que
caso era muito simples e muito
complexo ao mesmo tempo
o foi isto: é e repito.

E' muito simples porque já
podia estar resolvido ha muito
tempo. Era só a camara ter dito
como disse agora:
—Mande-se fazer.
E é muito complexo porque
a propria camara o quiz, apezar
dos instantes pedidos que lhe
fizemos.
Mas afinal, a cousa esta re-
solvida, e agora, meus amados
leitores, aproximem-se para ou-
vir musica todos os domingos
no jardim...
Ah! uma nova difficuldade
surge...
Falta saber se as bandas de
musica que se prestarem gal-
hardamente a tocar nesses ul-
timos tempos, estarão dispostas
a continuar a sua *propaganda*
cumsadora de sono.
Senão, estamos perdidos, o
coreto nesta praça abandonado
dos morcegos que queiram bel-
le construir seus ninhos.
Os estalidos moços não dei-
xarão por certo que isso acon-
teça.
Nos todos lhes pedimos que
vão ali aos domingos despertar
com as bocças de seus pistons
Piracicaba que dorme...

ARSENIO.

UMA CAUSA CELEBRE—Devolvendo um volume pertencente a Venda do nosso escriptorio.

AS VENTOINHAS

Como sente muito vagamente,
Bom sr. mar, soam as vozes

SA' DE MIRANDA.

A mulher é um cata vento;
Vae ao vento,
Vae ao vento que soprar;
Como vae tambem ao vento
Um marinheiro,
Turbulento e inverso o mar.

Sopra o sul: a ventoinha
Volta acima,
Volta acima para o sul;
Vem leste: a ventoinha
Volta acima,
Volta acima ao nord taful.

Quem lhe puser confiança,
De esperança,
De esperança nas vela;
Nem sensa sorte a esperança
Confiança
Confiança nos dará.

Valera o mesmo na arêa
Rija aneira,
Rija aneira construir:
Cerca o mar e vae a aneira
Com a arêa,
Com a arêa confundir

Quem dizer de mas fadas
Que atracadas,
Que atracadas como tindas,
Cagam atinas desatinadas...
Ah que fadas!
Ah que fadas tão vilias!

Pois, como essas das colladas,
Umas fadas,
Umas fadas, é entre nós,
Cagam, como mas cutiadas;
E são fadas,
E são fadas de alma e vos.

E' que—como o catavento,
Vão ao vento
Vão ao vento que lhes der;
Contem tres coisas: ao vento;
Catavento,
Catavento, agua e mulher

MACHADO DE ASSIS.

FORMULARIO THERAPEUTICO—Acabo de receber formulario do dr. Bernert. Vende-se neste escriptorio.

Fallecimento no Rio

Falleceu, no dia 6, no Rio, o tenente-coronel Beadparire Ruhan.

Parisiana

A PARISIENSE

I

(Para a «Gazeta de Piracicaba»)

Consagro este meu primeiro artigo á fatalidade do amor e da moda. Bem sei que não posso esboçar o verdadeiro retrato da Parisiense!... Sómente quero falar d'ella...
Todas as virtudes; a maior é a caridade.
Todos os vicios; o maior é o amor da *toilette*
Nem menciono a reputação de formosura de que gosa a Parisiense.
E la é gentil, raras vezes formosa.
Sempre tem um *minois* encantador e dannifico.
Possue tudo no mais alto grão de perfeição; perfeição na virtude e perfeição no vicio, e é por isso que entre ella e qualquer outra mulher não ha relação alguma.
Moças de Lisboa, Lima, Serilha, vinde conhecer a vossa vencedora; a Parisiense!
O vosso amor é de fogo, sem ilhando aos volcões de vossa terra, e como elles é traidor e nunca perdoam o menor desgosto
Quanto melhor é o amor da Parisiense!
Amor immenso!...
Ternura, indulgencia, constancia de receber o mundo, golhe.
Viaja-se pouco, conforta as circumstancias.
Contudo nunca será o instrumento de sua vingança o punhal.
De longe em longe appareco o veltodo.
A mesma moderno! (*Systema sys t q ual*).
Ha duas sortes de Parisienses: a filha de familia e a filha sem familia.
Sem a filha sem familia! Quanta tristeza nestas palavras, mas quanta desgraça!
A filha de familia é uma instituição que a sociedade, toda feita de *etiquette*, educa com cuidados especiaes sem porem conseguir plenamente o seu *desideratum*.
A Parisiense legitima é a filha sem familia.
A ella os perigos e a gloria...
A ella o machiavelismo da Babylonia moderna e o caracter das mulheres da antiguidade...
Nem sempre é peccadora
Quantas moças conheci que que com o magro salario de 600 rs por dia levavam uma vida honrada nessa formalha ardente de Paris!

. . . . . .

Francina era uma *grisette* e tinha como amigo um alumno da escola de Bellas Artes; um pintor.
O estudante apenas podia sustentar-se.
Francina trabalhava o dia inteiro, e quando voltava para casa estava sempre alegre, trazendo sempre algum presente que fosse do agrado de seu amigo
O pintor reconhecido esperava ancioso a decisão do jury, pois que mandara um quadro para a exposição annual de pinturas
Uma tarde estão tristemente sentados perto do fogo que já elles não podiam alimentar.
O pintor murmurou: pobre Francina! não tenho como!
—Não se aborreça! Que vá uma cadeira!..
E lá se foi a cadeira para o fogo: aquentou os dois amigos...
O frio de janeiro é medonho...
De repente a porta do quarto estremeceu...
Francina corren a abrir; era uma carta.
Febrilmente o pintor apoderou-se d'ella e leu com uma voz perturbada:
«A commissão do jury da exposição, tem a honra de comunicar lhe que pôde mandar retirar seu quadro»
E depois sem de fallecido apezar das caricias de Francina.
O pobre estudante foi acommettido de uma molestia que em poucos dias o levou ás portas do tumulo.
Francina tratava d'elle... ...
Uma quinta feira ia para o cemiterio do *Père-Lachaise* um coche de defunctos...
O vento soprava com violencia e caia a chuva abundante.
Um coche seguia-o, por uma moça cujo dor era tão profunda que dominava os proprios elementos.
E os viandantes paravam para admirar a divina dedicação dessa mulher
Era Francina...
Depois de enterro Francina mandou retirar o quadro de seu pobre amigo e installou-se no quarto onde este acabára de morrer, mettida alli entre as mil lembranças deixadas pelo defunto
Algum tempo depois da morte do pintor, aqueventou-se um amador e pediu a Francina que lhe mostrasse alguns quadros.
Ao ver o que tinha sido devolvido pelo jury examinou com mais attenção e disse:
—Que é isto? eu exe por es te quadro!
—E' lindo, nega.
—Offerço 1:000 francos.
—Não posso...
—Dou 2:000 francos.
—Tem pois este quadro algum valor?
—Se tem!... Faço-lhe uma ultima proposta: pago 30 000 francos.
Francina acceitou.
E go ella foi ter com um dos artistas mais afamados de Paris e encommendou um suberbo mausoleo para seu amigo e desgraça do pintor.
Sua avarenta imaginação e no dia seguinte foi encontrada morta.
Convenhamos se...
Os estudantes fizeram lhe exequias magnificas...
Hoje o cemiterio do *Père-Lachaise* um mausoleo admiravel com esta inscripção:
«Aqui jazem Geo ge e Francina»

PAPEL PARA EMBRULHA—Vende-se a peso na typographia da «Gazeta de Piracicaba.»

Comarca especial

Como se vê de um edital que o juiz de direito da comarca de Piracicaba, dr. Rodrigo Tavares de Almeida, fez publicar por essa folha, fica na mesma comarca installada especial desde dia 5 do corrente mez, e funcionará de 1 de 83 de 21 de Novembro do anno proximo findo.

PAGINAS EM OLVIDO.

OS PAIOS

Lembrei-me agora mesmo daquelle celebre *Scaparelle*, que Molière dotára de uma ingenuidade mais natural no enfermo que recorre á medicina, do que no medico chamado para cural-o.
Devem recordar-se, os que conhecem o sarcastico parecer do cantinho filho, da interrogação em que este revela toda a sua innocencia:
«Mais, messieurs, dites moi: ne vous trompez-vous pas vous-mêmes? Es-tu bem vrai que je suis médecin?»
Se nos soliloquios fossem admittidas as interrogações muitos doutores farian a si proprios a mesma pergunta, quando lutam com difficuldades que a sciencia não pôde vencer. Eu mesmo perguntaria agora: «Será verdade que eu seja philosopho?»
A solidão em que estou neste momento poupava me o perigo da resposta affirmativa; mas confesso que me inquieta a desconfiança.
Ha occasiões em que, esquecida com letra-mente do mundo, em colloquio certo me toda dentro de mim, e começo a pensar em cousas que nem ao diabo lembram!
Se isto é ser philosopho, ou maniaco, é questão que não posso decidir
Ainda hei de consultar a synonimia a este respeito.
Ora é verdade que me domina uma inclinação muito pronunciada para o mestre *Boileau*, e elle diz:
«Avant donc que d'écrire apprenez à penser»
Mas se eu pensasse unicamente por obediencia a este judicioso preceito, em bem pouco se fundaria a minha gloria futura.
Nas sul pensador de profissão quero dizer, não aprendi a pensar: pouso por curiosidade, nas horas vagas, e sem a intenção de seguir o conselho do autor do *Lutrin*.
E como sou grande e magestoso nestas tabaudas de meditação profundas!
Os meus olhos descem espontaneamente, vai cedem ao peso das idéas que passeiam cá por cima; os ombros dilatam se como se fossem de borracha, o que não passa de hypothese; a habitação torna se exigua para a marcha a que me entrego, sem violenta que a do recruta em exercicio, e depois penso... penso... penso até chegar a convencer me de que não pensei em cousa alguma!
E horrivel!...
Achava me em hontem neste bello estado quando uma surpresa maravilhosa me deteve os passos, sem contudo me distrahir a imaginação.
Um espelho me appareceu em frente, quando menos a esperava, e sem me dar o lugar onde eu a tinha collocado!... E passou!...
Parando, perguntei, com emphase:
—Quem é o povo?
Era a idéia fixa, e a expressão